

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Baptista, Luis Santiago

Globalização e arquitectura : capitalismo e esquizofrenia

<http://hdl.handle.net/11067/4969>

Metadados

Data de Publicação	2002
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-06T18:25:49Z com informação proveniente do Repositório

GLOBALIZAÇÃO E ARQUITECTURA: «CAPITALISMO E ESQUIZOFRENIA» LUIS SANTIAGO BAPTISTA

“**A** descodificação dos fluxos, a desterritorialização do socius, constituem, pois, a tendência mais essencial do capitalismo. Ele não pára de tender para o seu limite, que é um limite propriamente esquizofrénico. (...) De facto, o que queremos dizer é que o capitalismo, no seu processo de produção, produz uma formidável carga esquizofrénica sobre a qual faz incidir todo o peso da sua repressão, mas que não deixa de se reproduzir como limite do processo. Porque o capitalismo nunca pára de contrariar e inibir a sua tendência, sem deixar, no entanto, de se precipitar nela; não pára de afastar o seu limite sem deixar ao mesmo tempo de tender para ele. (...) O esquizofrénico situa-se no limite do capitalismo; (...) A esquizofrenia é a produção desejante como limite da produção social.”¹

Gilles Deleuze, Felix Guattari

De que falamos quando nos referimos a globalização? Quais as suas consequências em relação ao domínio da arquitectura? A noção de globalização está associada a duas utopias fundamentais da modernidade: a utopia *capitalista* e a utopia *comunicacional*. Por um lado, a utopia *capitalista* pressupõe a progressiva satisfação total das necessidades materiais da humanidade. Mas se o capitalismo subentende um paradigma de produção determina inversamente a instauração de uma lógica do consumo. Com efeito, o trabalho produtivo exige a sua apropriação sob a forma de consumo do produzido. Neste sentido, podemos entender a sociedade de consumo como derivação lógica dos mecanismos produtivos do próprio capitalismo. A sociedade contemporânea deixou de se projectar num modelo político absoluto, mas o sistema económico permaneceu inabalável na concretização dos seus objectivos. Da

concepção filosófica de «modernidade» passamos à realização performativa da «modernização». Mas este processo concretiza-se paradoxalmente através do distanciamento em relação às premissas conceptuais que fundaram a modernidade (no limite a iluminista emancipação da humanidade). A crescente autosuficiência produtiva afirma cada vez mais esse ofuscamento das finalidades programáticas, isto é, a autonomização da questão económica em relação às finalidades históricas revela a tendência dissolutiva do «projecto da modernidade» através da desfundamentação da ideia central de progresso. “O progresso tornou-se uma espécie de fatalidade, «rotinizou-se»; o novo na ciência, na técnica, na indústria, significa a pura e simples sobrevivência destas esferas de actividade”², refere Vattimo. Abandonando a esfera do político, o capitalismo afirma-se assim não como projecto histórico (exigindo a definição de finalidades e a transcendência temporal) mas antes como lógica produtiva e inevitavelmente consumista (tendente para um presente tornado absoluto). Consequentemente, a projecção temporal do processo histórico sucumbe à sua contracção no sentido da necessidade imediata. Desta forma, a satisfação material inerente ao sistema capitalista exige a determinação sistémica das necessidades como modo de constituição da relação entre sujeito e objecto, isto é, segundo Baudrillard, “este conceito não faz mais que exprimir a relação do sujeito com o objecto em termos de adequação, de resposta funcional dos sujeitos aos objectos reciprocamente.”³ A ingénua emancipação moderna transmuta-se então numa lógica cínica de renovação e obsolescência. Como refere Walter Benjamin, em relação aos processos circulares exigidos para o funcionamento da máquina capitalista, “a ilusão da novidade é refletida (...) na ilusão perpétua do mesmo”⁴.

Por outro lado, a utopia *comunicacional* revela-se através da mediatização generalizada da sociedade e consequente experiência de «fim da história». A dissolução da ideia unitária da história acontece quando, nas palavras de Vattimo, “não há uma história única, há imagens do passado propostas por pontos de vista diversos, e é ilusório pensar que existe um ponto de vista supremo, global, capaz de unificar todos os outros”⁵. Se a linearidade do tempo histórico se apresentou como condição fundamental para a definição do «projecto da modernidade», então a multiplicação das histórias possíveis e a irrupção das perspectivas singulares impossibilitou



Fig. 1

a unificação necessária à constituição do programa. Nestes termos, “se, porém, não existe uma história unitária, portadora, mas diversas histórias, vários níveis e modos de reconstrução do passado na consciência e no imaginário colectivo, é difícil ver até que ponto a dissolução da história como disseminação das «histórias» não seja também um autêntico fim da história como tal.”⁶ Deste modo, podemos perceber que a explosão de mundos concorrentes está indissociavelmente relacionada com a mediatização da sociedade contemporânea. A multiplicação dos pontos de vista e a intensificação da sua produção e veiculação contribuem para a desintegração do referencial espacio-temporal. A intensificação do tempo e a virtualização do espaço revelam quer a anulação do contacto espacial do mundo (substituição do objecto pela sua imagem), quer a impossibilidade de memorização temporal pelo sujeito (impossibilidade de síntese pela multiplicação das perspectivas). Na verdade, a experiência precária e superficial do mundo contemporâneo realiza-se através da afirmação progressiva dos processos de desterritorialização espacial e deshistoricização temporal. Como afirma Virilio, “entramos numa nova ordem de visibilidade onde a temporalidade sofre uma mutação: o tempo *que passa* da cronologia e da história vê-se substituído por um tempo *que se expõe*.”⁷ Efectivamente, com a inevitável mediatização da sociedade a duração extensiva da concepção histórica é reduzida a um presente intensivo sem transcendência histórica, ou seja, “*passamos do tempo extensivo da história ao tempo intensivo de uma instantaneidade sem história*”⁸.

Inexoravelmente, a utopia *capitalista* continua a sua marcha de domínio de todas as esferas de actividade, afirmando-se como sistema único e inquestionável. Mas a globalização *capitalista* e *comunicacional* revelam uma radical inconsistência projectual. O paradoxo das utopias derivadas da globalização está na definição de um programa cuja projecção se realiza no tempo presente quer, por um lado, na satisfação da necessidade imediata (limite da sociedade de consumo), quer, por outro, na comunicação virtual em tempo real (limite da sociedade de comunicação generalizada). Na verdade, a síntese entre a projecção temporal e a centralização no instante imediato não se pode fazer ou traduzir programaticamente. Daí, como veremos mais à frente, o seu potencial eminentemente esquizofrénico. Diz-nos inflamadamente Baudrillard: “Nenhuma linguagem humana resiste à velocidade da luz. Nenhum acontecimento

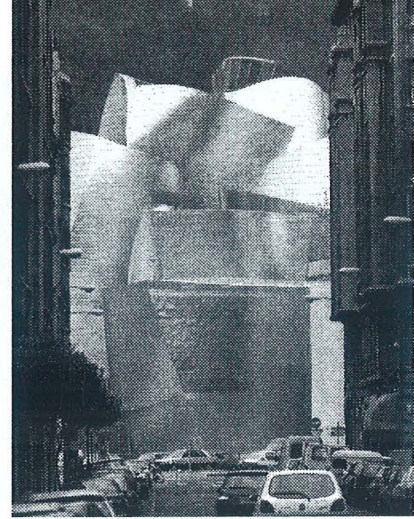


Fig. 2

resiste à difusão planetária. Nenhum sentido resiste à aceleração. Nenhuma história resiste à centrifugação dos factos, ou ao seu curto circuito em tempo real.⁹

No mundo actual, reflexo deste processo geral de triunfo do capitalismo que encontra na emergência da sociedade de comunicação generalizada a sua clara consagração (aparentemente cultural mas principalmente económica), não podemos deixar de colocar a questão de como é que estes processos se afirmam na recente produção arquitectónica. É aqui que a brilhante análise de Deleuze e Guattari, que associa o fenómeno contemporâneo do capitalismo aos processos esquizofrénicos, se mostra reveladora. Dizem-nos, “a sociedade é esquizofrenizante ao nível da sua infra-estrutura, do seu modo de produção, dos seus circuitos económicos capitalistas mais precisos”¹⁰. Assim, a produção esquizofrénica germina dentro do próprio capitalismo, isto é, reage inversa e interiormente ao processo constante de abstratização e descodificação que se revela na tradução quantitativa sob a forma de capital. A quantificação inerente à transformação em valor abstracto generalizável determina, por um lado, a própria constituição da máquina capitalista, por outro, o movimento contrário mas complementar dos fluxos desconstrutores. Estes fluxos não são exteriores ao capitalismo, são produzidos pelo próprio funcionamento da máquina, estão-lhe sempre conectados. São falhas, erros, disfunções, cortes engendrados pela dinâmica maquinaica entre a desterritorialização e reterritorialização produzidos incessantemente pela axiomática do capital. “As máquinas desejanter só funcionam avariadas, avariando-se constantemente”¹¹, dizem-nos significativamente. Se o capital abstractiza (processo de quantificação), os fluxos esquizofrénicos materializam (processo de qualificação). Na verdade, existe uma afinidade latente entre a determinação dos processos do capitalismo e a indeterminação espontânea e irracional dos processos produtivos esquizofrénicos: “a esquizofrenia é o universo das máquinas desejanter produtoras e reprodutoras, a universal produção primária como «realidade essencial do homem e da natureza»”¹².

Na nossa realidade, o capitalismo apresenta-se como força e presença irreduzíveis, refletindo a emergência de processos fragmentários, simultaneamente intencionais e inconscientes, de produção «desejanter». Com efeito, “a esquizofrenia é o processo

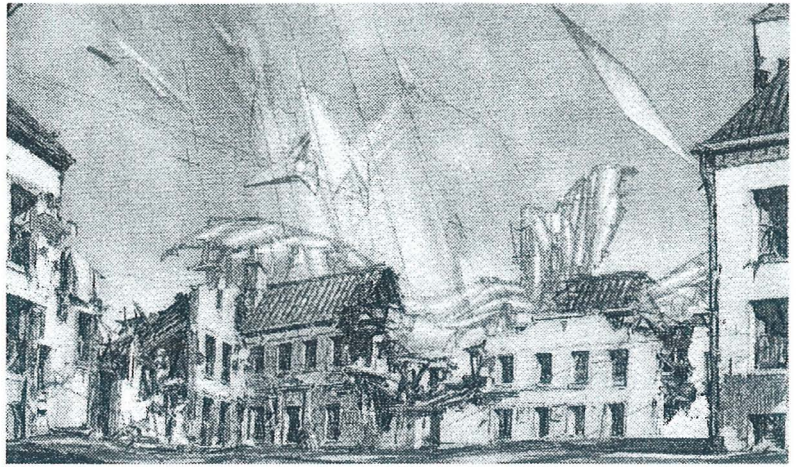


Fig. 3

de produção do desejo e das máquinas desejanter.¹³ Ao controle e determinação absolutos exercidos pela sociedade capitalista está associado inversamente a incontrolabilidade da inconsciente produção criativa de real. Mas não se julgue que daqui emerge de novo a onipotência do sujeito criador, racional e consciente, visto que “o próprio sujeito não está no centro, ocupado pela máquina, mas nos contornos, sem identidade fixa, sempre descentrado”¹⁴. Este é o fundamento da «nomadologia» deleuziana, onde a produção desejanter originária não permite a segurança e estabilidade do sujeito (deslocamento irreversível do «sujeito descentrado»), nem a autonomia e universalidade do objecto (fragmentação irreductível dos «objectos parciais»). Sujeito e realidade são indestrinçáveis, estão conectados maquinicamente. Inseparáveis, não permitem a constituição de pontos de vista privilegiados, portanto exteriores. Estamos imersos na axiomática do capitalismo, e a sua globalização estrutural inviabiliza qualquer perspectiva exterior, programática e por isso racionalizada e representativa. As «máquinas desejanter» são o «outro» reprimido da «máquina capitalista». E a lógica capitalista não anula o seu potencial criativo, bem pelo contrário, intensifica-o. A máquina capitalista reprime mas não anula, e é através dessa repressão que se disseminam potencialmente os fluxos irrecusáveis da produção desejanter. Impossibilitados que estão estruturalmente de uma resposta racional, unificada e congruente, encontram linhas de fuga «rizomáticas» para se expandirem esquizofrenicamente. “Um rizoma não começa nem acaba, está sempre no meio (...). Entre as coisas não designa uma relação localizável que vai de uma a outra e reciprocamente, mas uma direcção perpendicular, um movimento transversal, que os leva de um ao outro, corrente sem principio nem fim”¹⁵.

Na verdade, a utopia *capitalista* no seu caminho para a realização total de uma globalização identitária encontra nas estratégias esquizofrénicas e consequentemente na inversão diferencial da utopia *comunicacional*, o seu ponto de tensão e centro de conflito. “A produção desejanter é multiplicidade pura, ou seja, afirmação irreductível à unidade.”¹⁶ Só assim se pode enfrentar a determinação absoluta da máquina capitalista. É, nas palavras de Deleuze e Guattari, na «arte como *processo* sem fim», como «experimentação» radical destituída das tiranias do sujeito criador centralizado e da obra de arte como objecto autónomo e unificado, que se manifesta

a natureza da produção desejanter: "o valor da arte já só se mede pelos fluxos descodificados e desterritorializados que faz passar por baixo de um significante reduzido ao silêncio, abaixo das condições de identidade dos parâmetros, através de uma estrutura reduzida à impotência"¹⁷. Ao fim e ao cabo, como tão bem o compreenderam Deleuze e Guattari, a esquizofrenia habita a própria máquina capitalista.

Não estará relacionado com esse potencial desejanter e eminentemente esquizofrénico alguma da mais relevante produção arquitectónica recente, tantas vezes incompreendida? É difícil não ver esse potencial por exemplo: nas obras enigmáticas do Museu Guggenheim de Bilbao de Frank Gehry (Fig. 2) e do Museu Judeu de Daniel Libeskind, nos objectos complexificados dos Coop Himmelblau, nas representações graficamente objectuais de Zaha Hadid (Fig. 1), nas teorias projectuais extremadas de Rem Koolhaas, e mais radicalmente na experiência limite das gravuras de Lebbeus Woods (Fig. 3). Poderiam estes projectos ter sido produzidos noutra contexto ou tempo histórico? Poderemos avaliá-las simplesmente pelos critérios tradicionais: lógica funcional, eficácia económica, coerência construtiva, afirmação tecnológica, resposta social, validade histórica, relevância estética, etc? Serão os critérios racionais de valoração do projecto ou obra arquitectónica suficientes para a sua verdadeira compreensão? Não temos a impressão que o fascínio que exercem ultrapassa a própria racionalização?

Como se quantifica o desejo?! Como se racionaliza a produção esquizofrénica?!

NOTAS

¹ Deleuze; Guattari, *L'Anti-Oedipe, Capitalisme et Schizofrénie*, Les Éditions de Minuit, 1973.

² Vattimo, *La Fine della Modernità, Nichilismo ed Ermeneutica nella Cultura Post-Moderna*, Garzanti, 1985.

³ Baudrillard, *Pour une Critique de l'Économie Politique du Signe*, Gallimard, 1972.

⁴ Walter Benjamin, "Paris, Capital of the Nineteenth Century".

⁵ Vattimo, *La Società Transparente*, Garzanti, 1989.

⁶ Vattimo, *La Fine della Modernità, Nichilismo ed Ermeneutica nella Cultura Post-Moderna*, Garzanti, 1985..

⁷ Virilio, *L'Inercie Polaire*, Bourgois, 1990.

⁸ Idem, *Ibidem*.

-
- ⁹ Baudrillard, *L'Illusion de la Fin ou la Grève des Évènements*, Galilée, 1992.
- ¹⁰ Deleuze; Guattari, *L'Anti-Oedipe, Capitalisme et Schizophrénie*, Les Éditions de Minuit, 1973.
- ¹¹ Idem, *Ibidem*.
- ¹² Idem, *Ibidem*.
- ¹³ Idem, *Ibidem*.
- ¹⁴ Idem, *Ibidem*.
- ¹⁵ Deleuze; Guattari, *Mille Plateaux, Capitalisme et Schizophrénie*, Les Éditions de Minuit, 1980.
- ¹⁶ Deleuze; Guattari, *L'Anti-Oedipe, Capitalisme et Schizophrénie*, Les Éditions de Minuit, 1972.
- ¹⁷ Idem, *Ibidem*.